

A GEOGRAFIA NO DIA A DIA DO TERRITÓRIO ESTUDANTIL

GEOGRAPHY IN THE EVERYDAY LIFE OF STUDENTS



CAMILA LUZ SOARES

Graduada e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (2023)

RESUMO

A geografia é uma disciplina fundamental para entender o mundo ao nosso redor. Neste artigo, discutimos a importância da geografia no dia a dia do território estudantil, destacando sua aplicação prática e relevância para a formação cidadã. Foram realizadas entrevistas com estudantes e professores, além de uma análise documental sobre o tema. Os resultados mostram que a geografia é essencial para compreender as relações entre o espaço e a sociedade.

Palavras-chave: Geografia; Território Estudantil; Formação Cidadã.

ABSTRACT

Geography is a fundamental discipline for understanding the world around us. In this article, we discuss the importance of geography in the daily life of student life, highlighting its practical application and relevance for citizenship development. Interviews were conducted with students and teachers, as well as a documentary analysis on the topic. The results show that geography is essential for understanding the relationships between space and society.

Keywords: Geography; Student Life; Citizenship Development.

INTRODUÇÃO

A geografia é uma disciplina que estuda as relações entre o espaço e a sociedade. No contexto escolar, a geografia desempenha um papel fundamental na formação cidadã dos estudantes, pois ajuda a compreender as dinâmicas territoriais e ambientais que afetam a comunidade.

Fonte:



<https://blogdoenem.com.br/conceitos-fundamentais-da-geografia-parte-2-geografia-enem/> Acesso em 20 set. 2025.

Partimos do princípio de que a Geografia constitui um campo do conhecimento que, assim como a Matemática, a Língua Portuguesa e a História, possui uma linguagem própria e específica. Dessa forma, torna-se fundamental alfabetizar o estudante em Geografia, possibilitando que ele não apenas se aproprie do vocabulário característico dessa área, mas, sobretudo, desenvolva a capacidade de ler e compreender o espaço geográfico, seja ele próximo ou distante.

Em outras palavras, a simples vivência no mundo — seja no país, no estado ou na cidade — não nos torna, por si só, intérpretes críticos da realidade em que vivemos. Da mesma forma, saber ler letras e números não garante a formação de cidadãos críticos.

Desde já, é importante salientar que não propomos uma “Geografia crítica”, pois rotular antecipadamente uma abordagem não assegura sua efetividade. Entendemos o espaço principalmente — embora não exclusivamente — como o espaço humanizado e, em geral, urbanizado.

Nossa preocupação inicial volta-se, sobretudo, para o espaço vivido (a casa, a escola, o bairro, a cidade), sem desconsiderar o contexto mais amplo — o país e o mundo. Isso não implica, necessariamente, trabalhar seguindo a sequência tradicional do espaço próximo ao distante (como casa, bairro, cidade, estado, país, continente), visto que, muitas vezes, decisões que impactam nosso espaço imediato são tomadas em outros continentes. Assim, a relação perto–longe pode servir como ponto de partida, mas não deve se tornar uma limitação.

Entre os diversos desafios que se apresentam, destacamos: como construir conceitos e noções fundamentais do vocabulário geográfico sem recorrer à simples memorização? Quais seriam essas noções básicas? E de que maneira podemos evitar o processo mecânico de memorizá-las?

Segundo Diamantino Pereira, Douglas Santos e Marcos de Carvalho:

Para resumir, podemos afirmar que nada impede que façamos um estudo geográfico tanto de nossa casa, como de todo o mundo. O que importa, uma vez que constatamos que cada lugar geográfico se diferencia dos demais, é ter sempre em conta que o nosso planeta não é uma realidade homogênea, mas, sim, a combinação de diferenças de todos os tipos, que se expressam em todas as escalas. Estudar a geografia de uma pequena localidade é, repetimos, entendê-la em suas particularidades, inserindo-a na realidade do mundo como um todo, por outro lado, estudar a geografia do mundo é procurar constantemente as maneiras pelas quais os diferentes lugares se combinam. (1993, p. 34)

Afinal, uma das características ainda persistentes no ensino de Geografia é a ênfase na memorização — justamente um dos aspectos que mais desagrada os estudantes.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, tendo como objetivo compreender de que forma os estudantes percebem e se relacionam com os elementos geográficos presentes em seu cotidiano escolar e comunitário.

O estudo foi desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental localizada no município de São Paulo. A amostra foi composta por 20 estudantes e 5 professores selecionados de forma intencional, considerando critérios como a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa.

Para a coleta de dados, foram utilizadas diferentes técnicas de investigação, tais como:

- Observação direta do espaço escolar e de seu entorno, buscando identificar como o território é apropriado pelos estudantes;
- Questionários e entrevistas semiestruturadas, aplicados aos alunos, com o intuito de compreender suas percepções sobre o espaço geográfico que os cerca e sua relação com os conteúdos estudados em sala;
- Análise de produções escolares, como mapas mentais, desenhos, registros fotográficos e relatos escritos, que expressam as representações do território pelos estudantes.

Os dados obtidos foram tratados por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo identificar categorias temáticas que revelam o modo como os alunos compreendem e vivenciam o espaço geográfico em seu cotidiano.

Essa metodologia visa aproximar a Geografia escolar da realidade dos estudantes, favorecendo uma leitura crítica do território vivido e estimulando a construção de saberes significativos a partir das experiências concretas no espaço onde estão inseridos.

RESULTADOS

Os resultados mostram que a geografia é considerada importante pelos estudantes e professores para compreender as relações entre o espaço e a sociedade. Além disso, os entrevistados destacaram a importância da geografia para a formação cidadã e a conscientização ambiental.

DISCUSSÃO

A geografia é uma disciplina fundamental para entender o mundo ao nosso redor. No contexto escolar, ela ajuda a desenvolver habilidades importantes, como a análise espacial e a resolução de problemas. Além disso, a geografia contribui para a formação cidadã e a conscientização ambiental. Todas as sociedades possuem classes sociais, com interesses distintos que geram conflitos.

Por exemplo: ao invés de tratarmos apenas dos produtos agrícolas, devemos falar sobre os sujeitos que produzem no campo. É impossível compreender a realidade rural sem relacionar os conflitos sociais às desigualdades. Assim, torna-se evidente que os interesses dos trabalhadores sem-terra e dos grandes proprietários rurais não são os mesmos.

Não é possível compreender os espaços geográficos sem reconhecer os conflitos presentes nas sociedades contemporâneas. Contudo, é preciso não confundir conflito social com criminalidade. Embora a violência possa ter componentes sociais, o foco da Geografia está nas relações coletivas entre grupos e classes sociais com diferentes interesses.

A violência policial, por exemplo, é mais restrita e não representa um movimento coletivo organizado como resposta a uma carência social — exceto em casos específicos, como o chamado “crime organizado” em certas regiões.

CONCLUSÃO

A geografia é essencial para compreender as relações entre o espaço e a sociedade. No território estudantil, ela desempenha um papel fundamental na formação cidadã e na conscientização

ambiental. É importante que os professores e estudantes valorizem a geografia e sua aplicação prática no dia a dia.

ANEXOS

Questionário de entrevista com estudantes e professores.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados mostrou que a geografia é considerada importante pelos estudantes e professores para compreender as relações entre o espaço e a sociedade.

IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA

A geografia é fundamental para entender o mundo ao nosso redor. Ela ajuda a desenvolver habilidades importantes, como a análise espacial e a resolução de problemas.

A Geografia tem como finalidade compreender a vida de cada indivíduo, buscando revelar os significados e as razões das paisagens em que vivemos e que observamos em nossa rotina. Trata-se de entender a lógica presente em cada paisagem: como ela foi formada? por que possui tal configuração? O objetivo é romper com uma visão superficial e passiva das paisagens, estimulando uma análise crítica e reflexiva.

É fundamental a leitura e interpretação constante de mapas. O uso frequente desse recurso permite que os alunos visualizem concretamente os conteúdos estudados. Mapas, fotografias e imagens — sejam de televisão, revistas ou outras fontes — constituem materiais essenciais para o aprendizado em Geografia.

Esses recursos devem ser utilizados em sala de aula, expostos em murais e bibliotecas, e não deixados guardados. É importante mostrar que os mapas possuem uma linguagem própria, que precisa ser bem compreendida para que se possa extrair o máximo de informações desse instrumento didático.

É igualmente necessário discutir os processos que originam as paisagens que observamos. A existência de um país como o Brasil, bem como sua condição de nação “em desenvolvimento”, não deve ser vista como algo fixo ou imutável, mas sim como uma construção histórica realizada pelos próprios seres humanos, moradores ou não desse território.

Em outras palavras, compreender qualquer fenômeno geográfico — como a escravidão ou o racismo, por exemplo — requer identificar os fatores históricos e sociais que os geraram, muitos dos quais estão relacionados a processos internacionais e a dinâmicas de alcance global.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Os conteúdos da disciplina de Geografia nas escolas costumam ser expostos por meio de abordagens fragmentadas do espaço, o que acaba gerando a percepção de que os fenômenos acontecem de forma independente. Dessa maneira, as aulas de Geografia acabam reunindo temas cujas explicações tornam-se artificiais e naturalizadas, como se o espaço geográfico não estivesse relacionado à ação humana, que o constrói historicamente e o insere em contextos específicos.

A geografia tem uma aplicação prática importante no dia a dia do território estudantil. Ela ajuda a compreender as dinâmicas territoriais e ambientais que afetam a comunidade. No ensino fundamental, é essencial iniciar o estudo a partir das paisagens concretas e observáveis, e não dos conceitos teóricos — estes são mais adequados ao ensino médio. Em outras palavras, os conceitos não devem anteceder os conteúdos, mas surgir deles.

Os conteúdos devem permitir que os alunos construam seus próprios conceitos. Por exemplo: antes de definir termos como “democracia”, “relevo” ou “modo de produção”, é necessário estabelecer com os estudantes relações práticas e cotidianas, favorecendo a compreensão da relevância dessas — e de outras — ideias para o estudo da Geografia.

É indispensável comparar constantemente as diferenças entre os lugares, sejam elas naturais, econômicas ou culturais. Nesse sentido, não é produtivo buscar padronizar ou homogeneizar os espaços, mas sim compreender que as diferenças são elementos que promovem transformações no espaço geográfico e contribuem para a formação de fronteiras.

Por outro lado, muitas dessas diferenças — culturais, étnicas, ideológicas — devem ser reconhecidas como riquezas que ampliam nossa diversidade, e não como ameaças aos valores e padrões considerados “normais” ou “superiores”.

FORMAÇÃO CIDADÃ

A geografia contribui para a formação cidadã dos estudantes, pois ajuda a compreender as relações entre o espaço e a sociedade.

Falar a respeito da educação e cidadania tem sido um tema muito recorrente dentro dos documentos nacionais, visando as políticas públicas. Esse tema vem à tona em 1964 num período pós ditadura, e vemos suas abordagens nos documentos Constituição da República Federativa do Brasil - 1988, que foi denominada Constituição Cidadã; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/1996; Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs/1997; Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCNs 2013; Programa Nacional do Livro Didático - PNLD.

Porém, mesmo durante a ditadura podemos ver que a formação cidadã era algo discutido pois estava presente tanto nas orientações curriculares, assim como nos livros didáticos, assim como na inserção de disciplinas como Educação Moral e Cívica (EMOCI), como na Organização Social e

Política Brasileira (OSPB), Estudo de Problemas Brasileiro (EPB). Todas com um viés muito grande sobre o tema cidadania dentro do ambiente escolar.

Mas para que possamos falar sobre esse tipo de formação, é necessário entendermos o seu sentido em cada tempo, afinal, não podemos disser que a cidadania que era pregado na ditadura é a mesma ensinado no período pós ditadura.

CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental encontra-se plenamente respaldada por dispositivos legais que abrangem diversos aspectos. A seguir, destacam-se alguns trechos da legislação referentes à educação ambiental nas esferas formal e não formal, conforme a Lei nº 9.795, de abril de 1999.

Os Artigos 1º a 8º tratam da educação ambiental e dos processos pelos quais o indivíduo e a coletividade desenvolvem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à preservação do meio ambiente — bem de uso comum e indispensável à qualidade de vida e à sustentabilidade.

Define-se, portanto, a educação ambiental como parte essencial e permanente da educação nacional, devendo estar integrada, de maneira articulada, a todos os níveis e modalidades do processo educativo, tanto no âmbito formal quanto não formal.

Educação ambiental no ensino formal: Compreende-se como educação ambiental escolar aquela inserida nos currículos das instituições públicas e privadas, abrangendo:

- I – a educação básica;
- II – a educação superior;
- III – a educação especial;
- IV – a educação profissional;
- V – a educação de jovens e adultos.

Essa formação deve ocorrer como uma prática pedagógica contínua, integrada e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, devendo também constar nos currículos de formação docente, em todas as áreas e etapas. Os professores em exercício precisam receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o intuito de garantir a efetiva aplicação dos princípios e metas da Política Nacional de Educação Ambiental.

Educação ambiental não formal: Refere-se às ações e práticas educativas que promovem a conscientização coletiva sobre as questões ambientais, estimulando a organização e a participação social na defesa da qualidade ambiental. O poder público, em suas instâncias federal, estadual e municipal, deve incentivar a divulgação de informações ambientais nos meios de comunicação, o envolvimento das escolas, universidades e organizações não governamentais na criação e execução

de programas e atividades voltadas à educação ambiental não formal, além de promover a cooperação com empresas públicas e privadas para o desenvolvimento de projetos conjuntos.

Essas ações também devem buscar sensibilizar a sociedade sobre a relevância das unidades de conservação, das comunidades tradicionais, dos agricultores e do ecoturismo, reconhecendo-os como elementos fundamentais para a preservação e o uso sustentável do meio ambiente.

A geografia também contribui para a conscientização ambiental dos estudantes, pois ajuda a compreender as dinâmicas ambientais que afetam a comunidade.

Destacam-se sete dimensões indicadas por Sauv  (2005), que contribuem para uma compreensão mais ampla dos aspectos a serem abordados na educação ambiental e de todo o contexto que envolve esse conceito:

Meio ambiente: natureza (para contemplar, respeitar e preservar) – Os atuais problemas socioambientais tiveram origem na dificuldade que o homem tem de perceber que pertence à natureza, que   parte dela e que dela precisa. Portanto, existe uma lacuna entre o ser humano e a natureza que precisa ser trabalhada.

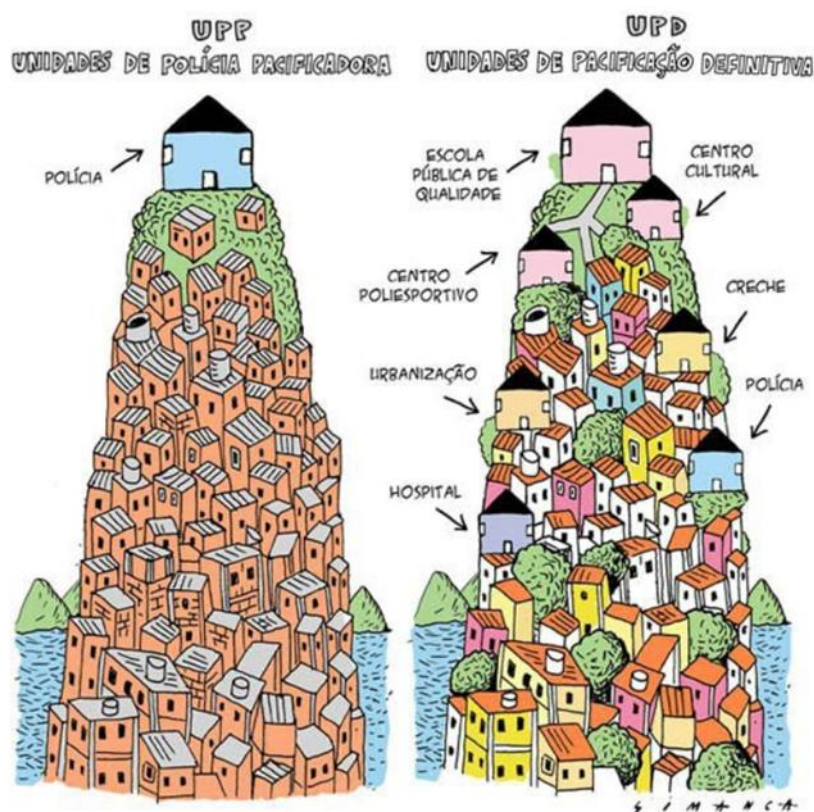
Meio ambiente: recurso (para gerir e repartir) –   a faceta que mais tem sido trabalhada. Implica educação para o consumo consciente, a conservação e a solidariedade na divisão igualitária dentro de cada sociedade, tanto as atuais quanto as futuras. Meio ambiente problema (para resolver e prevenir) - Esta é a faceta da qual mais carecemos hoje, pois visa estimular o exercício da resolução de problemas reais e a concretização de projetos que visam a preveni-los. Meio ambiente sistema (para entender e poder decidir melhor) – A educação ecológica, nesta faceta, interv m de maneira fundamental, conduzindo a um aprendizado de conhecimento e respeito de toda a diversidade, a riqueza e a complexidade do meio ambiente. Meio ambiente: lugar em que se vive (para conhecer, explorar e aprimorar) – Conhecer, explorar e redescobrir o lugar em que se vive, ou seja, tentar mudar atitudes cotidianas para uma vida mais sustentável e consciente.

Meio ambiente biosfera: (para viver em longo prazo) – Pensar em outras nações, refletir a respeito do desenvolvimento das sociedades humanas. Meio ambiente: projeto comunitário: (em que e como se empenhar ativamente) – Esta é a faceta com que as pessoas mais têm contato, porém sentem dificuldades em se enxergar como parte do projeto, como parte da comunidade. A cooperação e a parceria precisam ocorrer para que sejam realizadas as mudanças coletivamente desejadas.

A questão ambiental não deve ser abordada como um discurso nostálgico do tipo *“antigamente o mundo era melhor porque era mais limpo e tranquilo”*. É preciso compreender que o d esequil brio ambiental representa apenas um d esequil brio entre ser humano e natureza, mas também entre os próprios seres humanos, pois nem todos são prejudicados igualmente pela degradação ambiental.

Existe uma minoria que lucra com a exploração e destruição dos recursos naturais, enquanto outros sofrem as consequências. Além disso, é necessário refletir sobre as condições desumanas de vida e trabalho às quais muitos estão submetidos — isso também constitui uma forma de d esequil brio entre o homem, a natureza e seus semelhantes.

É importante considerar o processo histórico que intensifica a devastação ambiental, como a industrialização. Portanto, não se pode adotar uma visão linear de que “*industrialização é sempre sinônimo de progresso*”, nem idealizar uma visão ingênua de que “*se o homem não destruísse a natureza, tudo seria melhor*”.



Fonte: <https://blog.brasilacademico.com/2014/06/upps-retrato-de-um-impasse-brasileiro.html>. Acesso em 20 set. 2025.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo, os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2011/1996, p. 31).

A utopia é positiva quando representa um ideal possível de ser construído, mas é inútil quando se reduz a um simples sonho distante ou lamento.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Os desafios e perspectivas para a geografia no território estudantil incluem a necessidade de uma abordagem mais prática e aplicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a geografia é essencial para compreender as relações entre o espaço e a sociedade. No território estudantil, ela desempenha um papel fundamental na formação cidadã e na conscientização ambiental.

Dessa forma, a abordagem territorial amplia a compreensão dos temas e das análises discutidas nos livros didáticos. Uma perspectiva crítica, diversa, histórica, relacional e interconectada é indispensável como base teórico-metodológica tanto para a pesquisa quanto para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia.

Esse processo deve estar centrado na mediação do professor e no reconhecimento e valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes.

Nesse contexto, é essencial compreender e trabalhar as relações estabelecidas a partir do espaço escolar, envolvendo alunos, pais, famílias, membros da comunidade local, agricultores, trabalhadores e outros grupos sociais, conforme os temas tratados dentro e fora da sala de aula.

A escola possui um território próprio, que precisa ser identificado, compreendido, valorizado e explorado como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Portanto, é fundamental que haja uma organização criativa e dinâmica dos conteúdos didáticos, tornando o aprendizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental mais significativo e prazeroso tanto para professores quanto para alunos.

O professor, por sua vez, deve estar bem preparado, atualizado, motivado e disposto a enfrentar e superar os desafios diários presentes em qualquer contexto escolar.

Assim, o território escolar configura-se como um tema privilegiado para compreender e explicar aspectos essenciais da sociedade e da natureza na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

ABNT - **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. (2020). NBR 6023: Informação e documentação - Referências - Elaboração.

BRASIL. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia.

Diamantino Pereira, Douglas Santos e Marcos de Carvalho. **Geografia ciência do espaço**, quatro volumes, editora Atual, SP, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011/1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011/1996

RAFFESTIN, Claude. **A produção das estruturas territoriais e sua representação.** In: SAQUET, M. e SPOSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 17-35.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. **Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos. **Os tempos e os territórios da colonização italiana.** Porto Alegre: EST Edições, 2003/2001.

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos. **Por uma abordagem territorial.** In: SAQUET, M. e SPOSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94.